

Terra, Cultura e Ancestralidade: o indígena em Passo Fundo ¹

Fabiana Beltrami da Silva²

Hana Eliza Backes³

Cassie Haubert Becker⁴

Universidade de Passo Fundo - UPF

RESUMO

A invisibilização dos povos indígenas nos meios de comunicação brasileiros ainda é um desafio, especialmente em regiões urbanas. O projeto de extensão: Terra, Cultura e Ancestralidade: o indígena em Passo Fundo, da Universidade de Passo Fundo, tem como principal objetivo atenuar preconceitos e estereótipos sobre os povos originários a partir de uma comunicação assertiva e positiva. Para isso, durante o ano passado, foram realizadas visitas nas aldeias do município e criados materiais educativos que dialogam com os princípios do jornalismo responsável e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Comunicação; Indígenas, Aldeias; Manual.

CORPO DO TEXTO

Desenvolvido por acadêmicos e docentes da Universidade de Passo Fundo, o projeto de extensão Terra, Cultura e Ancestralidade: o indígena em Passo Fundo, tem suas atividades até o início de 2025, voltadas para as três aldeias kaingang do município (*Goj Jur, Fag Nor e Nãn Gá*).

O objetivo principal é atenuar preconceitos e estereótipos acerca dos povos indígenas por meio de uma comunicação assertiva e positiva. Como estudantes de jornalismo, nossas atividades se voltam para a aplicação dos conteúdos técnicos vistos em sala de aula, articulações com a imprensa e visitas in loco. Como lembra Traquina (2005), “o jornalista é, por definição, um mediador que deve tornar visível aquilo que está oculto ou silenciado”.

Com a maior discussão e repercussão que a temática indígena ganhou nos últimos anos, se faz necessário que o jornalismo e seus profissionais entendam a história e conheçam informações importantes durante os processos de construção e produção

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Audiovisualidades: comunicação em imaginários sociais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Professora do Curso de Jornalismo da UPF-RS, email: fabiana@upf.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UPF-RS, email: 188855@upf.br

⁴ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UPF-RS, email: 190992@upf.br

das pautas com temáticas aos povos originários, além de aprofundar saberes para se comunicar com e para o público indígena. Em contatos com as aldeias, percebemos diferenças no ritmo de fala, no uso de palavras, na construção do raciocínio e nas formas de expressão.

A comunicação como direito humano vem erguendo sua afirmação na história, na medida em que ganha credibilidade e legitimidade de grupos cada vez mais amplos e diversos; sua fundamentação enquanto conceito, provocando debates epistemológicos e políticos; buscando assim a ambiência da positividade. (GOMES, 2007, p. 131).

Além disso, Christofolletti (2005) destaca que “a ética jornalística não é apenas um conjunto de normas, mas uma atitude diante do outro”, o que reforça a necessidade de uma escuta ativa e respeitosa das culturas indígenas. Nesse sentido, o projeto parte da ética como prática, e não apenas como teoria.

Para tanto, o projeto produziu um Manual de Jornalismo Indígena para Jornalistas Não-indígenas. Esse manual foi pensado e desenvolvido pela equipe de jornalismo do projeto – desde a estrutura, a busca das informações e a criação visual do material, e com orientação de outras áreas afins, como História e Design Gráfico. Este material está alinhado com a definição audiovisual, uma vez que une linguagem verbal, não-verbal, simbologias e fotografias.

O termo audiovisual designa os meios de comunicação que combinam imagem e som, Seu poder está na capacidade de envolver o espectador por meio de múltiplas linguagens simultâneas — visual, sonora, verbal e simbólica — o que potencializa a transmissão de sentidos e emoções. (JULLIER, Laurent; MARIE, Michel, 2009).

Esse manual vai totalmente ao encontro dos nossos aprendizados acadêmicos, uma vez que o jornalismo é uma ferramenta de medição social e de construção de narrativas. Ele surge como um instrumento que orienta os profissionais na produção dos conteúdos, uma vez que dentro dele contém elementos da história, da legislação, da geografia e do cotidiano indígena, não só de Passo Fundo como do Rio Grande do Sul.

A construção deste material de comunicação surgiu a partir de conteúdos já realizados com a Aldeia Goj Jur na disciplina de Mídias Sonoras II do curso de Jornalismo. Debates entre os membros do projeto formas de divulgar esses conteúdos para que chegassem na grande mídia. Foi assim então que a Profa. Fabiana Beltrami sugeriu a criação do manual.

A ideia inicial era trabalharmos apenas com a aldeia citada, pois era a que possuíamos mais acesso e contato. Ao começarmos a escrever, percebemos que ia ficar

raso e que tínhamos que ter, sim, as outras duas aldeias, o que nos direcionou a aprofundar em pesquisas bibliográficas e *in loco*. Visitamos mais de uma vez as três aldeias – entrevistamos os caciques, tiramos fotos e entendemos qual era o contexto geral, bem como os problemas, necessidades e a forma como eles percebiam as informações sobre eles na imprensa local.

Após, buscamos as legislações municipal, estadual e nacional sobre o que elas diziam a respeito do tema. Ainda, realizamos um trabalho de busca histórica, entendendo quando os povos originários se estabeleceram no norte do RS e quais são as localidades com o maior número de indígenas, até hoje.

Esse foi um trabalho de meses, que se iniciou em setembro de 2024 e foi finalizado somente agora, em abril de 2025. Contemplamos nosso objetivo de explicar, de forma assertiva, visualmente atrativa e a partir de várias fontes como se comunicar com os povos indígenas de Passo Fundo. Ainda, conseguimos levar a temática para além do dia 19 de abril, onde é comemorado o Dia dos Povos Originários. Essa é uma questão que deve ser debatida durante todo o ano, visto que são esses povos que influenciaram diretamente quem somos hoje e estão sendo negligenciados.

O projeto está totalmente alinhado com a ideia de jornalismo cidadão, que, segundo Lage (2001), deve “assumir seu papel de mediação pública com responsabilidade social e cultural”. A iniciativa amplia o alcance da temática para além das efemérides e propõe um debate contínuo sobre o papel do jornalismo na promoção da equidade cultural.

Um manual de jornalismo indígena voltado para profissionais não-indígenas representa um passo significativo no processo de comunicação e de recepção das informações locais, pois ele oferece orientações que ampliam o olhar, desconstróem preconceitos e valorizam o protagonismo indígena nas narrativas jornalísticas. Ao fortalecer a escuta e o respeito às diferentes culturas e temáticas, o jornalismo cumpre seu papel social de forma mais justa e inclusiva para os mais de 200 mil habitantes de Passo Fundo.

REFERÊNCIAS

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, Raimunda. A comunicação como direito humano: um conceito em construção. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. Dicionário do cinema: forma e estilo. Campinas: Papyrus, 2009.

LAGE, Nilson. Ética e compromisso do jornalista. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco (Org.). Ética e cidadania: caminhos da comunicação. São Paulo: Paulinas, 2001.

TRAQUINA, Nelson. O que é o jornalismo?. Lisboa: Vega, 2005.